

DIFICULDADES, ESTRATÉGIAS E CONTRATEMPOS DE UM ESCRITOR NA PRIMEIRA REPÚBLICA: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA EDITORIAL DE LIMA BARRETO.

Patrícia Regina Cenci **qUEIROZ**¹

RESUMO: Nos últimos cinquenta anos a pesquisa historiográfica com fontes literárias transformou radicalmente seu foco de análise. Abandonando a perspectiva de “obra de arte” ou a idéia de “gênio”, trabalhar com o texto literário é entender o processo de construção dos mesmos que são, antes de tudo, artefatos culturais, produzidos num meio social específico e que dialoga com atores sociais em diversos níveis: os leitores, editores, intelectuais, instituições de legitimação e consagração da época, os jornais, etc. Olhando para a fonte literária sob esse prisma, conseguimos visualizar muito da organização social na qual a mesma foi concebida. Neste artigo, procuramos analisar o percurso do escritor Lima Barreto para conseguir ser editado, publicado e lido na Primeira República. Para tanto, recorreremos à análise das correspondências do escritor a amigos, editores e jornais, bem como seu diário pessoal e suas impressões de leitura. O que pudemos perceber da análise deste material é que no percurso que Lima Barreto percorreu em sua carreira como escritor, a opção pela linguagem satírica em suas obras é empregada como estratégia editorial, buscando consagração e visibilidade no campo intelectual da Primeira República.

PALAVRAS-CHAVES: Lima Barreto, Primeira República, Meio Editorial, Campo Intelectual, Humor e Sátira.

“Parece que ando na idade de ler memórias. Só nelas temos o que é possível de história verdadeira, com os *bas-fonds* e as cozinhas e copas da humanidade. A história dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. É um *garni* uniforme, incolor, tanto na França como na Turquia e Rússia. Mas as memórias são as alcovas, as anáguas, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal - a pele quente e nua, ora macia e lisa ora craquenta de lepra - da humanidade com *h* minúsculo, esse oceano de machos e fêmeas que come, bebe e ama - e supõe que faz mais alguma coisa além disso.” (Monteiro Lobato).

1. INTRODUÇÃO

Notas

[1] Socióloga pela UNESP/Marília e Mestre em História pela UNESP/Assis. Atualmente exerce atividade docente junto a Faculdade Integrado de Campo Mourão e é Editora Chefe da Revista *Perspectivas Contemporâneas*: <http://www.revista.grupointegrado.br/perspectivascontemporaneas>

Tratar de um autor tão conhecido, discutido e trabalhado, objeto de pesquisa de inúmeros trabalhos acadêmicos – sejam eles no campo da Teoria Literária, da Sociologia ou mesmo da História – torna-se por vezes arriscado e penoso, mas dentre o maior número desses trabalhos, encontramos uma quase ausência de discussões que enfocassem suas produções satíricas e de humor.

Durante o longo processo que transformaria o nome Lima Barreto em cânone literário, seus críticos e interlocutores, preocupados acima de tudo com a idéia de “resgate” da memória do escritor, privilegiaram os seus romances, todos escritos até 1911.

Como procuraremos demonstrar, *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino do Jambom* foram escritos no momento de contribuição jornalística mais intensa, momento este em que o escritor já despontava como um nome conhecido no campo literário de seu tempo, onde alguns críticos o iriam compará-lo a Cervantes ou pontuá-lo como “legítimo sucessor de Machado de Assis”.

O que estamos empenhados em discutir é que se, até 1911, Lima Barreto vivenciava projetos de “grandes” trabalhos literários e de introduzir na literatura nacional um novo gênero de romance (o negrismo), após a publicação de seu primeiro livro e da acolhida negativa da imprensa, irá dedicar-se aos folhetins satíricos, gênero este em voga nas Revistas de humor do momento e que transformariam Lima Barreto no boêmio, crítico e com o ataque ferino que o Rio de Janeiro passou a conhecer.

Durante todo o tortuoso processo de consagração do escritor – ao contrário do que muitos dos seus críticos afirmaram, Lima Barreto foi sim lido, discutido e acolhido por muitos dos seus pares – seu nome despontou no campo literário, não como um escritor de um novo gênero literário, mas sim, como um grande humorista.

Não queremos causar a impressão de estar executando uma pesquisa que já foi realizada e, por isso, desnecessária. Como pretendemos demonstrar, Francisco de Assis Barbosa fez um magnífico trabalho de recuperação, catalogação e “resgate” da memória do escritor que, como sugere Jorge Amado: “(...) *ninguém fala nele*.” (AMADO, 1998, pp. 15). Porém,

[2] Citação de Jorge Amado da década de 1950, recolhida da reportagem feita pela Folha de São Paulo de 08/05/1998.

percebemos que o trabalho do historiador e dos outros dezesseis importantes prefaciadores, da excelente edição da Brasiliense, buscou recuperar o escritor somente a partir de suas contribuições literárias, confrontando-o principalmente com as obras de Machado de Assis (Vide prefácio de Holanda e Freyre). Nossa intenção é evidenciar as leituras sociais que as crônicas satíricas de Lima Barreto propiciam. Através das suas narrativas, Lima Barreto vai montando as peças do mosaico que compunham o Rio de Janeiro do início do século XX, de acordo como ele a via.

2. A FILIAÇÃO

Para entender a personalidade e as posições do escritor é necessário primeiramente fazer uma análise da figura que, segundo o seu biógrafo, mais marcou a sua vida: João Henriques, o pai de Lima Barreto.

João Henriques teve uma humilde origem, descendera de uma escrava com um português que nunca reconheceu a paternidade. Sem ter muito com quem contar, o pai de Lima Barreto empenhou-se durante a vida inteira em busca de ascensão social. Estudava muito por conta própria, freqüentou o Instituto Comercial da Corte, estudou francês e muito se esforçava nas horas vagas para o preparatório do curso de Medicina. Queria ser “doutor” e conseguir prestígio e respeito.

O pai de Lima Barreto estudou com o mestre Faulhaber (que imprimia *A Semana Ilustrada*) no Instituto Artístico, que oferecia cursos para aprendizes tipógrafos. Era considerado um operário qualificado, trabalhava no *Jornal do Comércio*, um jornal de prestígio do período, e lá ficou até que sua promoção fosse negada sob a alegação de ser muito jovem. Revoltado e sentindo-se injustiçado, aos 19 anos de idade, pede demissão do cargo. Pouco tempo depois acaba contratado no jornal *A Reforma*³. Pelos depoimentos levantados por Barbosa e os registros no Diário de Lima Barreto, percebe-se o envolvimento e a simpatia de João Henriques pelo partido liberal.

[3] Barbosa, baseado em depoimento de Evangelina (irmã de Lima Barreto), diz que João Henriques preferiu demitir-se e ir trabalhar em um jornal que “(...) defendia a regeneração dos costumes políticos e onde devia existir compreensão melhor da justiça humana”. (Barbosa, 1957, pp. 06) Vale lembrar que a bandeira da *Reforma* era pela Abolição, pela liberdade, pela reforma eleitoral e judiciária.

João Henriques conheceu a mãe de Lima Barreto (Amália Augusta) quando passou a freqüentar a casa dos Pereira de Carvalho. Manuel Feliciano Pereira de Carvalho foi um famoso médico do Brasil Império, patriarca da cirurgia brasileira, Presidente da Academia Imperial de Medicina, Presidente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e conselheiro pessoal do Imperador. Também atuou junto ao exército imperial como cirurgião-mor, participando ao lado de Caxias, da Guerra dos Farrapos (entre 1842-1845) e na Guerra do Paraguai (entre 1865-1867).

Apesar da inexistência de documentação que comprove, tudo indica que Manuel Feliciano teve filhos com a escrava Geraldina Leocádia e esses foram criados como agregados da família, incluindo-se entre os filhos da escrava, Amália Augusta, mãe de Lima Barreto. Segundo anotações do Diário de Lima Barreto:

Eu olhando aquelas casas e aqueles caminhos, lembrei-me da minha vida, dos meus avós escravos e não sei como, lembrei-me de algumas frases ouvidas de minha avó materna, Geraldina. Era de São Gonçalo, de Cubandê, onde eram lavradores dos Pereira de Carvalho, **de quem era ela cria**. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1279 – grifos meus)

Logo após o fim da Guerra do Paraguai, Manuel retorna da guerra com uma grave infecção e desiludido com a morte em combate de seu único filho legítimo, vem a falecer meses depois. Após a morte do cirurgião, Amália e a prole são adotados pelos irmãos de Manuel, que lhes cederam também o nome da família. Com o nome mudado para Amália Augusta Pereira de Carvalho, ela estudou e formou-se professora pública pelo Colégio Santa Cândida.

Amália ficou noiva de João quando ainda tinha 15 anos de idade, contudo, o casamento tardou a se realizar: primeiro pelas dificuldades financeiras do noivo e depois por um colapso nervoso sofrido por João Henriques, internado para tratamento na casa de saúde e convalescença de São Sebastião por seis meses.

Ao terminar o tratamento, ganha um bilhete premiado de loteria e com a ajuda do amigo e padrinho de casamento Afonso Celso⁴ (futuro Visconde de Ouro Preto e então Ministro da

[4] João Henriques conheceu e estreitou laços com Afonso Celso no jornal *A Reforma*.

Fazenda), casa-se e monta um Colégio para meninas (Santa Rosa), nas Laranjeiras, onde fixa residência com a esposa.⁵

A princípio parece que a vida do jovem casal caminhava para um futuro promissor. Encorajado por Amália, João continuava estudando para os exames preparatórios para a Escola de Medicina.

O primeiro filho do casal morreu com apenas oito dias de vida e, depois de uma gravidez conturbada, Amália nunca mais gozou de bom estado de saúde. Pouco tempo depois, nasce o segundo filho, que recebe o nome de Afonso para homenagear o padrinho Afonso Celso. Seu nome completo é Afonso Henriques de Lima Barreto. E é Afonso Celso (o padrinho importante) que intercede na Tipografia Nacional (futura Imprensa Nacional), por João Henriques, para que fosse nomeado operário de primeira classe.

A renda da família não seria tão ruim para o Rio de Janeiro da época se não fosse a doença de Amália e o fato de ano a ano estar grávida. Com a esposa doente e sem condições de continuar a dirigir o Colégio, João fecha o Santa Rosa e muda-se mais de seis vezes em três anos, sempre em busca de um clima e um lugar melhor para a recuperação da esposa.

Diante dos problemas familiares, com as freqüentes recaídas da esposa, desiste da medicina e passa a trabalhar dia e noite para o sustento da família. Em dezembro de 1887, Amália não resiste às seqüelas da quinta gravidez somada ao seu grave estado de saúde, vindo a falecer de tuberculose. O futuro escritor Lima Barreto tinha por essa época sete anos de idade.

A vida familiar de Lima Barreto agrava-se profundamente. João contraíra muitas dívidas com a enfermidade da esposa e as inúmeras mudanças, passou a trabalhar mais, fazia horas extras e, nesse período, traduz do francês o importante *Manual do Aprendiz Compositor* de Jules Claye, tradução essa acrescida de adaptações que os tipógrafos deveriam seguir na imprensa brasileira. Mas o golpe mais duro que a família de Lima Barreto iria sofrer vem a cabo dos últimos acontecimentos políticos do fim da Monarquia.

[5] O outro padrinho de casamento de João Henriques e Amália Augusta foi, o então administrador da Imprensa Nacional, Antônio Nunes Galvão.

Em fins de 1888, temendo a crescente onda republicana, Lafaiete, Otaviano e Afonso Celso, líderes do movimento da resistência liberal, lançam a *Tribuna Liberal*. João Henriques é convidado a dirigir a oficina, trabalhando no período diurno na Imprensa Nacional e à noite na *Tribuna Liberal*. O partido liberal reajusta o seu programa⁶ e é chamado novamente a governar, ficando no poder 160 dias.

As mudanças feitas pelos liberais não foram suficientes para impedir a instauração da República, atingindo principalmente o descontentamento dos militares, o regime é instalado em 1889.

Mesmo com o novo regime, a *Tribuna Liberal* não se intimida, continua como um jornal de oposição até mesmo após a prisão do Visconde de Ouro Preto – tido como inimigo das classes armadas – e com as constantes ameaças e represálias sofridas constantemente.

No dia 19 de novembro, o Visconde de Ouro Preto é deportado para a Europa. Entre os inúmeros amigos que se “arriscaram” para despedir-se do ex-ministro que partia para o exílio, encontrava-se o tipógrafo João Henriques. Após esse episódio, o pai de Lima Barreto começa a sofrer penosas perseguições por parte dos republicanos.

Para comprovar a perseguição e as represálias que João Henriques passou a sofrer em decorrência da relação de compadrio mantida com o Visconde de Ouro Preto, Barbosa cita um documento em que um delator acusa o tipógrafo de ter sido beneficiado pelo antigo Ministro da Fazenda.⁷

Não suportando mais as pressões e a insegurança no trabalho, João Henriques pede demissão e se afasta da Tipografia Nacional. A instauração da República foi um desastre na vida da família Lima Barreto. Com dificuldades financeiras, os filhos pequenos e sem emprego, ele recorre aos Pereira de Carvalho, pois sabia que ali os filhos estariam amparados.

Meses depois, graças à intervenção de Cesário Alvim (então Ministro do Interior e que

[6] Alargamento do voto pelo escrutínio secreto, sendo considerado eleitor todo cidadão que soubesse ler e escrever; reforma da administração provincial; direito de reunião; casamento civil obrigatório, liberdade de cultos; temporariedade no Senado e reforma no conselho de Estado; liberdade e melhoramento do ensino. (Cf. VISCONDE DE OURO PRETO apud BARBOSA, 2002)

[7] Documento consta hoje nos Arquivos Casa de Rui Barbosa. (Cf. BARBOSA, 1957, p. 27)

João Henriques também conhecera nos tempos d'A *Reforma*), o tipógrafo consegue ser nomeado escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. Contudo os filhos continuam a residir com os Pereira de Carvalho.

O tempo vai passando e, segundo Barbosa, Lima Barreto torna-se um aluno brilhante, de mente sensível, chegando a ganhar um prêmio escolar por seu desempenho. João Henriques via no filho a oportunidade que não tivera em vida e tanto sonhara: ser “doutor”. Assim, procura o compadre Afonso Celso, que regressara do exílio, e este aceita custear os estudos do afilhado.

Os filhos de João Henriques voltam a morar com o pai na Ilha do Governador, menos Lima Barreto. Com o auxílio financeiro do padrinho, ingressa como interno no Liceu Popular Niteroiense (um dos mais populares da época), dirigido pelo ex-embaixador inglês Mr. Willian Henry Cunditt.

3. O AFASTAMENTO DA FAMÍLIA

O regime de internato do Liceu sempre foi um tormento para o menino Lima Barreto. Nas cartas ao pai, sempre lamentava o fato de viver distante da família, era melancólico, tentou fugir do internato algumas vezes e, repreendido pelo pai, manifestou algumas vezes vontade de cometer suicídio. Já adulto, com vinte e sete anos de idade, em memórias registradas em seu diário, relata o episódio:

Desde menino, eu tenho a mania de suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde esta época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão de minha delicadeza, do meu natural, doce e terno. Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze, doze anos, quando fugi do Colégio. Armei um laço numa árvore lá no sítio da Ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. Nesse tempo eu me acreditava inteligente e era talvez isso que me fazia ter medo de dar fim a mim mesmo. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1282)

No diário, as recordações boas da infância vêm dos momentos em que passava com a família, as férias ou os fins de semana, na chácara que João residia com os outros filhos na

Ilha do Governador. Lá o menino Lima Barreto era muito diferente do isolado e retraído interno do Liceu. Brincava com os irmãos, ajudava o pai nas tarefas da Colônia dos Alienados, nadava, corria, subia em árvores e, principalmente, discutia muitos assuntos de humanidades com João Henriques, que sempre moveu esforços para concretizar o sonho de ver o filho “doutor”. Em 1893, o pai de Lima Barreto é promovido a administrador da Colônia dos Alienados.

O Liceu possuía um rígido regime, fornecia formação completa em humanidades e aulas de iniciação musical. Lima Barreto cursou o liceu até 1894, completando curso secundário e parte do suplementar. Fez poucos amigos neste período, dedicava a maior parte de seu tempo livre a leitura das obras de Júlio Verne que ganhara de seu pai. Apesar de deixar muitos registros manifestando simpatia e admiração por alguns professores, o regime de internato continuava deixando-o solitário e infeliz.

Por volta de 1894, Lima Barreto faz os exames no Ginásio Nacional (antigo Imperial Colégio de D. Pedro II), sendo aprovado com bom desempenho. Por um curto espaço de tempo, volta a residir com o pai e os irmãos, estudava muito com o pai. Volta a ser interno, dessa vez no Colégio Paula Freitas, mantido por Alfredo de Paula Freitas (professor da Politécnica) que mantinha um curso preparatório para jovens ingressantes na Escola do Largo São Francisco.

Baseado em depoimentos de colegas que freqüentaram o colégio junto com Lima Barreto, Barbosa afirma que este não gostava de brincar com outros garotos e possuía poucas amizades. No internato, a grande ocupação do futuro escritor, era com os livros.

Em 1897, sai do regime de internato e passa a residir em pensões com outros estudantes. Das discussões travadas, no Paula Freitas, com alguns companheiros, surge o interesse pela igreja do apostolado positivista e Lima Barreto chega a freqüentá-la. Contudo, não chegou a ser um discípulo da filosofia comteana. Acreditava que esta trouxera progressos para o Brasil, à cultura e às instituições políticas, porém, para o escritor, os exageros dogmáticos teriam levado o positivismo às proximidades do ridículo. (Cf. Barbosa, 1956, 65) Ainda em 1897, fez os exames para a Escola Politécnica, ingressando no curso de engenharia civil.

4. A ESCOLA POLITÉCNICA

O Rio de Janeiro desse período parecia reduzir-se a Rua do Ouvidor: era lá que ficavam o cinematógrafo do Édison, os cafés, os teatros. Era o espaço de desfile dos políticos, literatos, moças vestidas elegantemente conforme os ditames europeus, o café Java, a confeitaria de São Francisco, os Hotéis Ravot e Frères Provençaux (casa de mulheres “cocottes” de alto nível), as charuteiras (prostitutas mais baratas), a pensão que Lima Barreto dividia com outros estudantes e a própria Escola Politécnica.

Contudo, apesar do ambiente mundano em que Lima Barreto transitava diariamente, podemos dizer que ele pouco se entreteve com este tipo de ocupação ou prazeres. A maior parte do tempo ficava ou na Politécnica ou na Biblioteca Nacional, dedicando-se a uma de suas maiores paixões: o estudo de filosofia. Percorrendo o seu diário, notas biográficas, correspondências e complementando com a biografia de Barbosa, não existem indícios de que o futuro romancista tenha se envolvido com mulheres ou se afeiçoado a alguém.

Em detrimento do bom aluno que havia sido no Ginásio Nacional, Lima Barreto não conseguiu o mesmo desempenho na Politécnica. Teve que se esforçar muito para conseguir aprovação nos exames da Escola e, quando entrou, obteve diversas reprovações. Não freqüentava as aulas assiduamente e tinha verdadeira antipatia pelas disciplinas do currículo. Preferia ir à Biblioteca Nacional, fazer a costumeira leitura dos *Enciclopedistas*.

Em 1901, forma-se a Fundação da Federação dos Estudantes (muitos deles socialistas) que, entre muitas coisas, tinha por objetivo: “(...) *propagar a instrução no seio do operariado, facilitando talvez assim a solução do problema social*”. (Apud BARBOSA, 2002, p. 79)

Lima Barreto faz parte do movimento e, em 1902, é eleito juntamente com Barreto Dantas para a diretoria da Federação. Desliga-se pouco tempo depois, por discordar do apoio prestado pelos estudantes ao serviço militar obrigatório. Bastos Tigre também se desliga do movimento pelo mesmo motivo e o episódio acabou estreitando os laços de amizade entre os dois estudantes. Tempos depois, seria Bastos Tigre que transformaria Lima Barreto em colaborador d’*A Lanterna* – periódico de ciências, letras, artes, indústria e esportes (jornal dos estudantes das faculdades de Engenharia, Medicina e Direito do Rio de Janeiro). Em seus

artigos no periódico, assinalava com os pseudônimos de Alfa Z e Momento de Inércia e criticava ferinamente professores, alunos e a própria instituição.

Mesmo sendo um estudante carrancudo e isolado, o ingresso na Federação e a colaboração n' *A Lanterna* ampliaram o círculo de amizade de Lima Barreto: Bastos Tigre, Júlio Pompeu de Castro, Ribeiro de Almeida e Levi Carneiro.

Apesar do trabalho de colaborador e de um importante círculo de amizade, a vida na Politécnica era cada dia mais insuportável para ele. Detestava o lugar, o curso, as disciplinas do currículo, os professores, a maior parte dos alunos, enfim, aquele período foi um estorvo para Lima Barreto terminar o curso de Engenharia. Somado ao seu desânimo, sofria perseguição de um professor do primeiro ano que nunca o aprovou em sua disciplina, por mais que o escritor se esforçasse.

5. O FUNCIONALISMO PÚBLICO

Em 1903, o pai de Lima Barreto enlouquece. É afastado durante um tempo para tratamento, mas, jamais se recuperaria do surto psicótico e das manias de perseguição. Passou a vida acreditando que a polícia iria aparecer a qualquer momento para prendê-lo. Em decorrência da loucura, João Henriques é aposentado de seu cargo de Administrador Geral da Colônia dos Alienados e sua família fixa residência no subúrbio, em uma casa de aluguel.

A família de Lima Barreto era numerosa: o pai doente, os três irmãos, Prisciliana (segunda mulher de João Henriques) que também tinha três filhos e Manuel, o preto velho agregado da família. Diante de uma numerosa família e de um pai doente e incapaz, Lima Barreto abandona a Politécnica, presta concurso para um cargo de Amanuense na Secretaria da Guerra (27/10/1903), assumindo o cargo algum tempo depois. Continua contribuindo em jornais e revistas da época, buscando o ingresso no jornalismo profissional e ministrando aulas particulares para alunos que irão prestar exames no Pedro II ou no Colégio Militar.

Apesar dos esforços, o dinheiro ainda era pouco, os problemas muitos e o escritor cada vez mais tomado pela melancolia e pela desilusão vai entregando-se, lentamente, ao álcool. Não suportava a mesquinhez do povo do subúrbio, nem a arrogância dos aristocratas e dos

bacharéis exibindo nos dedos seus anéis de grau. Vivia assim entre dois mundos, sem se identificar com nenhum, não conseguia pertencer ao esnobe e mundano mundo da Rua do Ouvidor, mas não se sentia parte do mundo suburbano. Tomado por este sentimento de não-pertencimento e desilusão, atormentado com as crises financeiras e os ataques de loucura de seu pai, tornara-se cada vez mais dependente da bebida. Lima Barreto também não conseguia fazer o que mais queria: ser romancista, viver da inteligência e para a inteligência:

A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela tem tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será o meu bovarismo? (LIMA BARRETO, 2002, p. 1253)

É bastante visível a dualidade de mundos com a qual o escritor fora drasticamente forçado a conviver. Se antes de 1903, Lima Barreto vivia em bibliotecas, livrarias, cafés, convivia com escritores, jornalistas e discutia filosofia com amigos, após a loucura do pai, torna-se funcionário público, chefe de uma numerosa família com poucos recursos, sem disponibilidade para frequentar bibliotecas e cafés, torna-se alcoólatra e passa a residir entre a gente pobre do subúrbio. Há nesse período – 12 de Junho de 1903 – um registro de escrever a história da escravidão negra no Brasil e uma peça de teatro sobre o mesmo tema.

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho 22 anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da escola Politécnica. No futuro escreverei a história da escravidão negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade. E continua: (...) nasci em uma segunda-feira, 13/05/1981. O meu decálogo: 1 - Não ser mais aluno na Politécnica. 2 - Não beber excesso de coisa alguma. 3 - E... (LIMA BARRETO, 2002, p. 1213)⁸

Em 12 de Janeiro de 1905 relata em seu diário:

Veio-me a idéia, ou antes, registro aqui uma idéia que me esta perseguindo. Pretendo fazer um romance em que descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de “germinal” negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão. [...] Como exija pesquisa variada de impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra prima, adia-lo ei para mais tarde. [...]Ah! Se alcanço realizar essa idéia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama européia. Dirão que é um negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente das coisas turbará todos os

[8] Todas as citações extraídas do diário de Lima Barreto são referentes à edição, em volume único, organizada por Eliane Vasconcelos e editada pela Nova Aguilar, em 2002. Demais citações referem-se à edição organizada por Francisco de Assis Barbosa, editada pela Brasiliense, de 1956.

espíritos em meu desfavor, e eu pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguindo, amargurado, debicado? [...] Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertença. Tentarei e seguirei adiante. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1247)

Por mais que o escritor manifestasse a idéia de produzir um tratado sobre a história da escravidão, ou uma espécie de romance histórico com o mesmo tema, nunca levou a cabo a empreitada. Por outro sim, continuou a produzir contos, crônicas, pequenos textos para jornais, sempre apimentados com uma boa dose de humor, ácido, corrosivo e ao mesmo tempo, melancólico e desiludido. Jamais esboçou sequer um dos tais projetos, porém, a sua maneira satírica, nunca deixou de combater as injustiças e as tribulações de um homem negro de seu tempo.

Assim percebemos, pelo próprio círculo de amizades no qual Lima Barreto estava inserido e dado à dinâmica das publicações em voga naquele momento, seria muito mais fácil adentrar no jornalismo profissional e mesmo publicar um romance que explorasse o humor e a sátira, que tivesse a cara das revistas da moda, tais como a *D. Quixote*, a *Fon-Fon*, o *Semanário A.B.C*, a *Careta* e outras tantas, sempre do mesmo gênero. Em carta a Antônio Noronha Santos datada de 19 de Julho de 1908, o escritor manifesta claramente sua insatisfação diante de tais publicações, assim como seu desejo de realizar algo “maior”:

É bem ignóbil esta minha vida de escriba assalariado a jornalecos de cavação e de pilhérias! Estou tratando de me libertar desta infame cousa. O Carneiro me apresentou ao deputado Viana do Castelo que se ofereceu a me arranjar qualquer no Diário do Comércio. Sabes bem que não será repórter; as minhas pretensões e a minha prosápia impedem-me aceitar tão subalterno ofício. Tenho grandes esperanças que o homem me faça alguma coisa. (LIMA BARRETO, 1956, p. 61)

Ainda que a vida de funcionário público, residente no subúrbio e com graves transtornos familiares, afastasse Lima Barreto de seu habitual convívio com o universo da rua do Ouvidor, não deixou de freqüentar recantos boêmios, principalmente o Café Papagaio, “esplendor dos amanuenses” e as rodas de Alcides Maia e Goulart de Andrade. Dos antigos contatos com a Escola Politécnica, mais os que se somaram no decorrer dos anos, pouco a pouco o escritor foi cavando sua entrada no jornalismo profissional, sempre alimentando o sonho de ser um grande romancista, de alcançar um futuro como notável dentro das letras nacionais:

(...) continuo a pensar aonde devo comer. Há chance de ser com o Ferraz. Ah! Santo Deus, de depois disso não vier um futuro de glória, de que me serve viver? Se depois do percorrido esse martirologio, eu não puder ser mais alguma coisa do que o idiota Rocha Faria – antes morrer. (...) Ah! Se o futuro. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1213)

6. O HOMEM DE IMPRENSA E ROMANCISTA

Tentado a ser um literato de destaque e, nos dizeres do próprio escritor: “(...) *venho tomando notas da minha vida, que a quero grande, nobre, plena de força e de elevação.*” (LIMA BARRETO, 2002, p. 1256) Lima Barreto põe-se a trabalhar, investindo na escrita. Ainda muito jovem, por volta dos vinte e quatro, vinte e cinco anos, esboça diferentes projetos literários:

No início de sua vida literária, vamos encontrar Lima Barreto numa verdadeira encruzilhada, indeciso na escolha do caminho a seguir. A hesitação é patente na variedade de obras que tentou. Além da narrativa pretensiosa (*D. Garça*) e do romance mundano (*Chez Madame da Costa*), exercitou-se no teatro, na história, no ensaio e no romance sociológico. Qualquer gênero servia. Estava possuído da ânsia de produzir, de realizar alguma coisa de imediato. Tal era a sua sofreguidão que planejava duas ou três obras ao mesmo tempo, mas não se demorava em nenhuma delas. Escrevia os primeiros capítulos para abandoná-los logo em seguida. (BARBOSA, 2002, p. 162)

Em busca de futuro promissor e notoriedade literária e intelectual, Lima Barreto entrega-se à escrita. Em 1905, inicia o seu primeiro romance *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, tido como o mais autobiográfico do autor e o menos satírico de todos eles. Em agosto de 1907, Lima Barreto começa a publicar na *Revista Floreal*, o esboço do romance.

A *Revista Floreal* foi fundada em fins de 1907, por Lima Barreto e alguns amigos, como Antônio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho, Curvelo de Mendonça, Fábio Luz e Heitor Malagutti. Com forte influência de Anatole France, Zola, Tolstoi, Fialho d’Almeida, Eça de Queiroz, Bakúnine, Kropótkine, Spencer e Guyau, a revista literária teve vida efêmera, chegando a circular somente quatro números.

O projeto de edição de uma revista literária surge como uma possibilidade de conseguir um veículo difusor dos escritos da turma de aspirantes a escritor (provavelmente nascida em uma das mesas do Jeremias ou do Café Papagaio) que se mostravam insatisfeitos com as possibilidades editoriais do período. A turma que funda a revista visava um espaço de discussão, queriam repercussão, serem lidos, discutidos, notados e, diante da dificuldade de

realizarem isso na imprensa tradicional, organizam a *Floreal*.

No artigo da apresentação da revista, feito por Lima Barreto, fica claro o propósito do veículo, que não propunha divulgar nenhum novo modismo estético e/ou literário, mas sim, nas palavras do escritor:

Não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de “clã” ou maloca literária. (...) Não se destina pois a Floreal, a trazer a público obras que revelem uma estética novíssima e apurada; ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado. Mas, conquanto as nossas divergências sejam grandes, há entre nós uma razão de completo contato: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais e o nosso dever de nos publicar. Este caminho, se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor, é o jornal. (LIMA BARRETO, 1956, p. 182)

Apesar do firme propósito e das nobres intenções, a edição da *Floreal* não foi para a frente. Do primeiro número foram vendidos apenas trinta e oito exemplares avulsos. Conseguiram apenas algumas notas em jornais de pouca circulação e um artigo de Gonzaga Duque, no *Diário do Comércio*. Na segunda edição, o grupo modificou a capa da revista e conseguem a venda de oitenta e dois exemplares avulsos. Foi somente na terceira edição que a *Floreal* conseguiu alguma projeção, graças ao artigo de José Veríssimo, no *Jornal do Comércio*:

Ai de mim, se fosse a “revistar” aqui quanta revistinha que por aí aparece com presunção de literária, artística ou científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me aparecem sem o menor valor. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que, com o nome esperançoso de Floreal, veio ultimamente a público, e onde li um artigo “Spencerismo e Anarquia” do Sr. M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela, “Recordações do Escrivão Isaias Caminha”, pelo senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. (VERISSIMO apud BARBOSA, 2002, p. 177)

Apesar da crítica de Veríssimo, a *Floreal* não resistiu e acabou encerrada em seu quarto número. Com o fim da publicação, Lima Barreto tenta outros caminhos para conseguir a publicação de *Isaias Caminha*. Não era suficiente escrever um romance, isso não era nem metade do calvário para a projeção almejada pelo romancista. Era ainda necessário publicá-lo, fazê-lo visto e aclamado, acolhido pelas principais casas editoriais, pela imprensa e pelos

críticos. Assim se inicia a primeira grande batalha do escritor.

Até o momento em que conseguiu publicar definitivamente *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, Lima Barreto, exceto pela aparição de uma “revistinha” em favor da campanha civilista, *O Papão*⁹ – semanário dos bastidores da política, das artes e das candidaturas – fica completamente afastado da imprensa e dos periódicos do período (1908-1909).

No início de 1909, valendo-se de algumas consideráveis amizades, Lima Barreto começa a travar seus primeiros contatos para a publicação de *Isaias Caminha* junto à Livraria Clássica¹⁰, em Lisboa. O sempre amigo, Antônio Noronha Santos – colega dos tempos estudantis, jornalista militante e chefe da Biblioteca Pública e Arquivo do Estado – leva ao editor português A. M. Teixeira uma cópia do romance de estréia de Lima Barreto. Junto com a obra, leva também uma carta de apresentação de João Pereira Barreto – poeta, autor do livro *Selvas e Céus* e cunhado de Silvio Romero – na tentativa de interceder pela publicação.

A. M. Teixeira, segundo informação constante em correspondência de Antônio N. Santos a Lima Barreto, anima-se com o trabalho do jovem escritor, “[...]é um livro de escândalo!” (SANTOS apud LIMA BARRETO, 1956, p. 68) Mas preocupa-se com a repercussão da obra no Brasil, que devido à densidade e ao caráter combativo, não viesse a ser noticiada pelos jornais e resultasse em poucas vendas. Tratava-se ainda de um romance de estréia, de um autor ainda não consagrado e extremamente polemista.

Sem grandes informações sobre o jovem romancista, chega a perguntar a João do Rio – nome já consagrado nas letras nacionais – se já tinha ouvido falar do escritor, e este afirmou que não. Em carta datada de 13 de Março de 1909, Santos relata o episódio ao amigo:

Agora ouve esta: o Paulo Barreto, que aqui chegou há dias, foi lá parar creio que a inscrever-se num banquete ao Júlio Dantas. O M. Teixeira perguntou-lhe, sem falar no romance, se ele te conhecia. Ele respondeu que não. Que f. da p.! (SANTOS apud LIMA BARRETO, 1956, p. 68)

Apesar do receio em relação à recepção do livro e a falta de “visibilidade do escritor”,

[9] Lima Barreto funda essa revista juntamente com o amigo Antônio Noronha Santos.

[10] A Livraria Clássica já havia editado as seguintes obras de autores nacionais: *Miss Kate* de Araripe Junior, *Selvas e Céus* de João Pereira Barreto e *A Pátria Portuguesa* de Silvio Romero.

A. M. Teixeira aceita publicá-lo, desde que não arque com as despesas referentes aos direitos autorais da edição a Lima Barreto. Conforme correspondência de Santos com o escritor:

Não tenho dúvida em publicar o livro, mas o Sr. Lima Barreto lhe falou em condições? “Pelo o que ele disse, ou antes resmungou, eu cá percebi (Santos) que está pronto a publicar o livro, mas muito menos a pagá-lo. (...) Se me é permitido dar-te um conselho, não sejas muito exigente na questão do pagamento. Não te adianta grande coisa e demora a impressão e o livro precisa sair. Está meio apavorado com a falta de notícias dos jornais daí, que fatalmente se vai dar. (SANTOS apud LIMA BARRETO, 1956, p. 68)

Mas o estreante romancista nunca chegou a cogitar a hipótese de receber pela publicação. Queria que o livro saísse, causasse impacto, fosse aclamado e reconhecido pela crítica, jamais ousou sonhar fortuna em sua estréia literária. Em resposta a carta de Santos de 03/04/1909, escreve:

Não tenho pretensão alguma de lucro com o Caminha. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre esta cousa de make money com livros. Decerto, se eu tivesse aí, em Paris, havia de guardar bem escondida a pretensão de ter um castelo com o produto das minhas obras, mas aqui, dentro do Brasil e da língua portuguesa, as minhas pretensões são mais razoáveis. Não quero acabar como o Coelho Neto. (LIMA BARRETO, 1956, p. 69)

Com as condições da publicação acertadas e após duas revisões, por volta de maio, junho de 1909, sai pela Livraria Clássica, *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, anunciado nos prospectos de propaganda como um “livro de intriga jornalística fluminense”.

Como o editor A. M. Teixeira antevira, o livro não causou forte impacto na imprensa carioca, principalmente por parte do *Correio da Manhã* – jornal de maior circulação no Rio de Janeiro da época – que havia sido abertamente satirizado e denunciado no romance e que, a partir da publicação, passou a ignorar o escritor.

Apesar do “silêncio” dos jornais, dos críticos e da prerrogativa da censura, acreditamos que Lima Barreto imaginasse seu romance com grande repercussão justamente pelo teor abertamente combativo. Esperava que os jornais o noticiassem, ainda que com críticas, denúncias ou agressões. O mais provável é que esperasse notoriedade pela polêmica, pela denúncia da corrupção, das intrigas e desmandos nos bastidores da imprensa e principalmente, pela crítica ao racismo e a desigualdade social. Em carta a Esmaragdo de Freitas, de 15/10/1911, relata os propósitos de seu romance inaugural:

Compreenda-me, meu caro Senhor Esmaragdo, que, dada a minha obscuridade nativa e também (para que não dizer) a minha cor, se o meu livro não fosse capaz dele mesmo por si romper caminho, não seriam nossos amigos dos jornais que haviam de ajudá-lo a fazer. Arriscava-me a passar sem ser notado, desanimar, portanto e ir fazer companhia ao rol dos incapazes de raças que a nossa antropologia oficiosa já decretou. [...] O meu fim foi ver que um rapaz nas condições do Isaias, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas, batido, esmagado, prensado pelo preconceito com o seu cortejo, que é, creio, cousa fora dele. Não sei como me sai da empresa, mas o seu artigo diz-me que bem. Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e chamar a atenção para minha brochura. (LIMA BARRETO, 1956, p. 238)

Em resposta a Veiga Miranda – *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo – de 20 de Março de 1917, sobre o caráter *à cléf* de Isaias Caminha, escreve:

Sem querer importuná-lo, peço licença para lembrar ao senhor, que não é um leitor vulgar e comum, que o meu Isaias tem mais alguma coisa além de charges a certas e determinadas pessoas. Estou imprimindo uma segunda edição, que lhe mandarei na ocasião própria e espero que, relendo-o encontrará o senhor nele intenção mais alta que a que geralmente me é atribuída com esse meu primeiro livro. As charges foram o acessório, o meio que me pareceu bom para evitar fosse o livro abafado pelo silêncio e pela hostilidade dos pequenos mandarins das letras, digo pequenos, pois dos grandes ninguém deve temer. Se as fiz, não só porque é do meu temperamento fazê-las, como também sabia que com elas atraía leitores e opiniões independentes, sem a humilhação de estar a pedir que dissessem dos jornais qualquer coisa do meu livro. Poucos os daqui, e muito menos os de fora, falaram nele e ele seguiu o seu caminho. (LIMA BARRETO, 1956, p. 20/21)

Contudo, pelas correspondências remetidas aos críticos de seu romance, podemos perceber que este foi tido mais como um panfleto do que como uma obra artística, um *romans à cléf*, com o agravante de ser demasiadamente autobiográfico. Nos dizeres de José Veríssimo, que havia tomado contato com o romance ainda na época da Revista *Floreal*:

Há nele, porém, um defeito grave julgo-o ao menos, e para qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, é menos realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando a posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das suas obras. (VERÍSSIMO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 204)

Também compartilhavam da mesma impressão os críticos Medeiros de Albuquerque – primeiro a tratar do Isaias Caminha, no jornal *A Notícia* de 15 de Dezembro de 1909 – que classifica a obra como “(...) *uma mau romance e um mau panfleto. Mau romance porque é da arte inferior dos roman à clef. Mau panfleto porque não tem a coragem do ataque direto.*” (ALBUQUERQUE *apud* LIMA BARRETO, 1956, p. 197/198) e o velho e conhecido dos cafés Alcides Maia, amigo e o primeiro a ler os originais do Isaias e que fizera a sugestão de trocar a profissão do personagem principal de garçom para jornalista. Apesar da amizade e do apreço pelo escritor, Alcides Maia faz uma crítica contundente a Lima Barreto no *Diário de Notícias* de 16 de Dezembro de 1909, dizendo que o romance dá a penosa impressão de um desabafo, mas próprias das seções livres do que dos prelos literários. (Cf. BARBOSA, 2002, p. 197)

Assim foi a estréia de Lima Barreto no campo literário de seu tempo. Até conseguiu vender os livros que haviam chegado ao Brasil, mas não se ouviu nenhuma aclamação. Passado três meses do lançamento, escreve ao editor A.M. Teixeira dizendo que, no Rio de Janeiro, haviam se esgotado todos os volumes do romance e propondo nova edição. Contudo, o prestígio e a notoriedade almejada com sua estréia não foram alcançados. Nem a segunda edição conseguira do editor. Em carta de 18 de Junho de 1910, o editor responde ao escritor:

Não está esgotado e com bastante pena nossa o livro de Vossa Excelência. Depois da remessa de exemplares como novidade para diferentes pontos do Brasil, só a casa F. Alves nos pediu cinqüenta exemplares há cerca de dois meses e outras livrarias daí, São Paulo e Bahia, número deles inferior a cinqüenta. Cremos que muitíssimos exemplares se poderiam ter vendido se os livreiros daí o tivessem sempre à venda, mas como só fazem pedidos quando necessitam outras obras e estes em número tão limitado de exemplares, que não estranhamos que o livro se não encontre à venda. Vamos pois remediar essa falta enviando quantidade à livraria J. Ribeiro dos Santos, com ordem de o anunciar, podendo Vossa Excelência conceder-nos o favor de – sem sacrifício de qualquer espécie – fazer constar pelos jornais que lhe sejam afeiçoados a chegada da nova remessa de exemplares. (TEIXEIRA *apud* LIMA BARRETO, 1956, p. 178-179)

Diante de tal acolhida, é novamente tomado pela melancolia e desilusão, volta a sentir-se perseguido, injustiçado, incompreendido. Entregue à tristeza e à amargura, retorna ao tenebroso vício, a bebida:

Hoje pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O

maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa a outra e lá vem à melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos. Já prescindo de glória, mas não queria morrer sem uma viagem a Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte. (...) Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras, mas nem isso fiz. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1306)

Diante de tal negativa repercussão é que Lima Barreto, pela primeira vez desde a adolescência, resolve fazer uma viagem (24/09/1909), buscando possivelmente afastar-se de todos esses conflitos. Embarca então para Juiz de Fora-MG, aonde seu tio junto com a família mantém uma companhia mambembe e Lima Barreto chega a trabalhar como bilheteiro.

Meses após, retorna descansado e revigorado. Lima Barreto irá abandonar pela primeira vez os audaciosos projetos de romance e começa a produzir literatura de folhetins e novelas picarescas para a imprensa, como o *Dr. Bogóloff* – narrativas humorísticas de um pseudo revolucionário russo, do início de 1910 e o conto *Numa e Ninfa*, publicado na *Gazeta da Tarde*, em 03/06/1911.

Esse tipo de literatura folhetinesca distanciava-se demasiadamente do ideal de arte literária inúmeras vezes citada e lembrada pelo escritor, sempre se reportando a Taine, para dizer que o papel da literatura era traduzir o que os simples fatos não dizem. Fugia completamente dos referenciais estéticos que buscavam inspiração no Balzac, no Eça de Queirós e nos russos, há sempre os russos. Mas, tudo leva a crer que no contexto da imprensa do período, a grande sensação eram os escritos humorísticos, que acabariam mais tarde por consagrar o escritor.

Tanto essa hipótese é verossímil que, em 1912, Lima Barreto passa a ser colaborador da Revista *O Riso*, publicando os folhetins *O Chamisco* – a história de um conquistador irresistível e *Entra, Senhórr...* – episódios interessantes passados na alcova de uma horizontal. É no período que se estende do fim de 1910 até 1911 que produz seus melhores trabalhos, dentre os contos cito: *A nova Califórnia* (11/1910), *O homem que sabia javanês* (04/1911) e o romance que o imortalizaria, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, tido pelos críticos literários como seu melhor trabalho, e feito com um aguçado e sarcástico senso de humor.

Em carta ao sempre amigo Antônio Noronha Santos de 19/09/1912, descreve as conquistas conseguidas com as produções satíricas, dizendo que os seus folhetins já tinham rendido ao seu editor a importância de cem contos de réis.

É a partir de 1911, com as publicações folhetinescas e começando a colaborar como “escriva assalariado”, como ele mesmo se intitulava, a inúmeros jornalecos e revistas, que Lima Barreto começa a despontar no campo literário de seu tempo. Dentre estas colaborações, cito: *A estação Teatral* (1911); *O Riso* (1912); *A Gazeta da Tarde* (1911) *Correio da Manhã* (1911), *Correio da Noite* (1913-1914); *Semanário A. B. C* (1916-1922); *Revista Contemporânea* (1918-1919); *Revista Argos* (1919); *Revista Careta* (1920-1922); *Gazeta de Notícias* (1913-1921); *A Folha* (1920); *O Estado* (1920); *Revista Souza Cruz* (1921); *Rio-Jornal* (1916-1921); *O País* (1922) e as revistas anarquistas *A Lanterna*, *O Debate*, *O Cosmopolita*, *O Parafuso*, *A Patuléia* e *A Luta* (todas iniciadas em 1917, ano da Revolução Russa).

Ainda no ano de 1911, tentaria Lima Barreto fazer parte da recém criada Academia dos Novos, que organizara uma lista com trezentos nomes (o nome do escritor constava na lista) de jovens romancistas e poetas e que buscava valorizar e descobrir novos talentos artísticos. Para eleger os dez representantes da nova academia, os trezentos indicados poderiam votar em até três nomes. Lima Barreto compareceu a reunião inicial, mas não conseguiu mais do que cinco votos.

E é justamente por essa época que Lima Barreto viria a tornar-se o boêmio famoso que foi dos Cafés, Confeitarias e Botequins do Rio de Janeiro. Segundo depoimentos colhidos por Barbosa junto a amigos do escritor, Lima Barreto passava os dias a beber. Do amanhecer ao fim do dia, andava sujo, mal vestido, maltrapilho a perambular pelas ruas da cidade. Não raro, tomado pela bebida, amanhecia nas sarjetas, parecendo mais um indigente.

Foi no prolongamento desta vida desregrada, abusando do excesso de álcool e tomada pela melancolia, que no dia 18 de Agosto de 1914 o escritor passa a ter delírios e alucinações. Nesse estado, a imaginar bandalheiros fazendo serenata em sua janela e querendo arrombar a parede do seu quarto, afora a perseguição da polícia por ser ele um panfletário anarquista, Carlindo, seu irmão, chama a polícia que recolhe Lima Barreto ao Hospital Nacional dos Alienados, onde fica de 18 de Agosto a 13 de Outubro de 1914.

Ao conseguir alta do Hospital e estando diagnosticado com neurastenia, Lima Barreto consegue licença da Secretária de Guerra até 31/01/1915. Estando em casa, faz sobre encomenda do jornal *A Noite*, o folhetim satírico *Numa e Ninfa* – romance da vida contemporânea, buscando levantar algum dinheiro com o material. Atua ativamente na imprensa periódica como panfletário. É deste período sua colaboração mais intensa junto aos jornais.

A carreira do escritor despontaria definitivamente com a publicação em livro de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, na voz do próprio Lima Barreto:

O Policarpo Quaresma foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado em folhetins no Jornal do Comércio da Tarde, 1911. Quem o publicou foi o José Félix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstância e motivos obscuros, cisme em publicá-lo. Tomei o dinheiro daqui e dali, inclusive do Santos, que me emprestou trezentos mil-réis, e o Benedito, imprimiu-o. Os críticos generosos só se lembravam diante dele do D. Quixote. V. Oliveira Lima e Afonso Celso. AUDACES FORTUNA JUVAT. (LIMA BARRETO, 2002, p.1312)

Desta vez, a crítica é muito mais acolhida e não raro inúmeros críticos colocaram Lima Barreto em patamar de igualdade com Machado de Assis, seu “legítimo sucessor”. O *Jornal do Comércio*, *O País*, *A Gazeta de Notícias*, *A Noite*, *A Época*, entre outros, todos celebraram o lançamento do romance quixotesco. O único jornal a ignorá-lo foi o *Correio da Manhã*:

Os jornais que não me noticiaram absolutamente o aparecimento do meu segundo livro foram: o *Correio da Manhã* e a *Tribuna*, do Rio de Janeiro. No *Correio* sou excomungado; e é justo. Na *Tribuna*, não sei porque, tanto mais que o mandei ao Lindolfo Collor. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1312)

Diante da acolhida, registra em seu diário tudo o que a imprensa publica sobre o *Policarpo Quaresma*, assim como dedica boa parte de seu tempo a responder as cartas que recebe de leitores sobre seu mais novo trabalho:

Meu livro, o *Policarpo*, saiu a há quase um mês. Só um jornal falou sobre ele três vezes (de sobra). Em uma delas, Fábio Luz assinou um artigo bem agradável. Ele saiu nas vésperas do Carnaval. Ninguém pensava em outra coisa. Passou-se o carnaval e Portugal teve a cisma de provocar guerra com a Alemanha. As folhas não se importavam com outra coisa comicamente davidinesca de Portugal. Enchiam colunas com o assunto. E não têm tempo de falar no meu livro os jornais, estes jornais do Rio. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1312)

A glória, sempre a glória literária, esta era a grande compensação que esperava Lima Barreto por todas as atribulações que havia passado em vida. Imaginem o quão absurdo deveria ser para ele os jornais preocuparem-se mais com o Carnaval ou com Portugal do que com seu Policarpo Quaresma. Coisa digna de um absurdo para o escritor.

Ansioso, cheio de expectativa, em seu diário segue inventariando todo o percurso para a consagração do Policarpo Quaresma:

O Policarpo saiu em 26 de fevereiro de 1916. A entrevista comigo na *Época* é de fins de fevereiro, 20. [...] Retirei três exemplares, uma para Jackson, outro Vinhais e outro Milanez. Retirei quatro volumes: dois brochados e dois encadernados, sendo para o *Comércio* e a *Noite*. [...] Mande: 1 – João Ribeiro/ 1 – Alcindo Guanabara/ 1 – Alcides Maia/ 1 – Laet/ 1 – Antônio/ 1 – Benedito/ 1 – Lima/ 1 – minha irmã/ Já dei quinze exemplares./ País. um volume./ *Gazeta*. dois volumes. / *Viriato*. um volume./ *Prensa*. um volume./ *Tribuna*: um volume./ *Notícia*. um volume./ *Braule*. um volume/ *Rui*: um volume./ *Afonso Celso*. um volume/ *Correio Paulistano*. um volume./ *Amadeu Amaral*. um volume./ *Estado de São Paulo*. um volume./ *Teixeira (Lisboa)*. dois volumes./ *Couto*. um volume./ *Biblioteca*. um volume. (LIMA BARRETO, 2002, p. 1308/1309)

E a lista segue interminável, citando jornais de outros estados, principalmente São Paulo e Minas Gerais, passando por nomes como Bastos Tigre, Emilio de Menezes, Antônio Torres e Araújo Jorge. Assim como o relato de todos os artigos de que toma ciência sobre o seu romance: “*Notícia da Época sobre Policarpo; 28/02/1916.*” (LIMA BARRETO, 2002, p. 1309)

Será a fase áurea na vida do escritor, sua colaboração na imprensa aumenta ativamente, recebe cartas e cartas de jovens aspirantes a escritor em busca de conselhos, correspondência de críticos – principalmente de fora do eixo Rio-São Paulo e, Lima Barreto, responde uma a uma, arquivando cópia das mesmas entre seus manuscritos. Dentre as mais significativas, cito:

Policarpo Quaresma pertence à família de D. Quixote; é um D. Quixote nosso contemporâneo e nosso compatriota, qual o comportam as condições de nossa época e no nosso meio social. (CELSO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 263) ¹¹

O senhor, por exemplo, tem a noção da vida e das pessoas através do humor, oh! É terrivelmente humorista faz-nos sorrir sempre! (...) o senhor evitou o ridículo em que por vezes descambou Thackeray; conserva sempre

[11] Escrito pelo Conde de Afonso Celso no *Jornal do Brasil*, em 28 de Março de 1916.

a justa medida, o limite necessário, não desfigura o sorriso na gargalhada. Encantaram-me o seu livro e o seu estilo. (BERTA apud LIMA BARRETO, 1956, p. 286)¹²

Dentre os críticos que noticiaram o aparecimento de Policarpo Quaresma, cito: Vitor Viana – *Jornal do Comércio* de 09/05/1916; Jackson de Figueiredo – *Lusitana* de 10/06/1916; Osório Duque Estrada – *O Imparcial* de 18/09/1916. Houve também aqueles aos quais a acolhida não foi tão positiva, reclamaram das imperfeições de estilo, o abuso da sátira e os inúmeros erros de português, mas mesmo assim, Lima Barreto tinha conseguido enfim ser notado no pequeno mundinho literário do Rio de Janeiro. Segundo Francisco de Assis Barbosa (2002):

Da entrega dos originais ao volume exposto à venda nas livrarias, não tardariam mais do que dois meses e meio. E o escritor – fato inédito na sua vida – era bem pago por um trabalho intelectual, além do mais, por entre aplausos de velhos e novos expoentes da crítica, como João Ribeiro e Tristão de Ataíde. (BARBOSA: 2002, p. 288)

Logo no início de 1917, ainda no apogeu das críticas e dos jornais é que Lima Barreto empolga-se e passa a procurar editor para a segunda edição de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. Há um fato curioso nisso, em 1905, quando Lima Barreto começou a escrever Isaias, conjuntamente a este romance, ele produziu outro trabalho *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, mas na ocasião de publicar, optou pelo *Isaias*, julgando que um livro de escândalo chamaria a atenção para sua estréia como escritor.

É certo que a acolhida não foi das melhores, mas, depois do sucesso de vendagem e crítica de *Policarpo Quaresma*, ficamos a imaginar porque Lima Barreto preferisse reeditar *Isaias* a publicar pela primeira vez o *Gonzaga de Sá*. Talvez acreditasse que após o sucesso de seu segundo livro, os leitores olhassem *Isaias Caminha* com outros olhos, enfim, reconhecendo o valor literário deste que foi tido como um gênero menor da literatura. É difícil saber. O certo é que novamente não encontrou editor, fez novos empréstimos e pagou a segunda edição do livro junto a Tipografia Revista dos Tribunais, de seu velho e bom amigo o “China”.

Tudo isso acontece em paralelo à Revolução Russa, que Lima Barreto acolheu e

[12] Escrito por Albertina Berta – poetisa, escreveu os livros *Exaltação* (1916), *Estudos* (1920), *Voleta* (1926), *E ela brincou com a vida* (1948) – em 26 de Novembro de 1917.

admirou, intensificando neste período seus escritos junto à imprensa libertária do Rio de Janeiro e São Paulo, sempre assinando como Isaias Caminha. Durante o mesmo período, compila em formato brochura *Numa e Ninfa*, editado pela Revista *A Noite* e organiza as notas sobre a *República dos Estados Unidos da Bruzundanga* – crônicas satíricas – que vende ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos por setenta mil-réis.

Gozando de um certo prestígio literário, em 21 de Agosto de 1917, Lima Barreto vai tentar nova empreitada no caminho para sua consagração. Candidatar-se-ia a vaga de Sousa Bandeira na Academia Brasileira de Letras, Academia esta que o boêmio tão duramente atacou durante toda sua vida, mas é certo que imaginasse que precisava legitimar-se juntos aos “fariseus” para ter o prestígio e a glória.¹³

No final de 1918 ocorrem dois fatos significativos na vida de Lima Barreto. Primeiro, em 29 de Julho de 1918, consegue livrar-se de um de seus maiores martírios, o emprego de funcionário público na Secretária da Guerra. Comprovando invalidez, consegue sua sonhada dispensa da secretaria, aposentando-se. E, em 02 de Setembro de 1918, recebe a seguinte correspondência do editor da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato:

Prezadíssimo Lima Barreto.

A Revista do Brasil deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de toilette gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda de Policarpo Quaresma, da Bruzundanga, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo.

Aguardamos, pois, ansiosos a resposta, uma resposta favorável.

Do confrade

Monteiro Lobato. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 49)

Depois de árdua luta para adentrar no campo literário de seu tempo, Lima Barreto consegue enfim sua primeira conquista, um editor. E desta vez não por intermédio de amigos,

[13] Segundo informações de Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto enviou a carta de apresentação a vaga ao então Presidente da Academia Rui Barbosa, mas este não levou a mesma a conhecimento público. A carta consta hoje nos arquivos da Casa de Rui Barbosa.

nem sequer havia procurado Monteiro Lobato, ele que, conhecendo o seu trabalho, havia reconhecido o seu valor literário e o teria procurado. Em carta ao amigo Godofredo Rangel, Monteiro Lobato fala cheio de entusiasmo sobre o romancista:

Conheces Lima Barreto? Li dele, na *Águia*, dois contos, e pelos jornais soube do triunfo do Policarpo Quaresma, cuja segunda edição lá se foi. A ajuizar que li, este romancista é de deitar sombras em todos os seus colegas coevos e coelhos. Vou ver se encontro um Policarpo por ai e aí o terás. Bacoreja-me que temos pela proa o romancista que faltava. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 48)

Segundo Luca (1999), Monteiro Lobato conseguiu em seu tempo, algo até então inédito: ser um sucedido empresário de cultura. Adquirindo a *Revista do Brasil* do grupo *O Estado de São Paulo*, promove uma verdadeira revolução comercial e editorial na revista, tornando-a vendável e rentável. Encontrada na maior parte dos estabelecimentos comerciais fora do eixo Rio-São Paulo, a revista fugia do que era mais ou menos o padrão nesta época. Obtendo sucesso, lança em paralelo suas atividades como editor e, logo no início desta atividade convida Lima Barreto para colaborador.

Do convite feito por Lobato, podemos perceber duas coisas: primeiro, ele acreditava em um público leitor considerável para os trabalhos de Lima Barreto, daí o convite inicial como editor e, segundo, Lobato é enfático ao dizer “(...) *queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do Policarpo Quaresma, da Bruzundanga, etc.*” Ou seja, o nome de Lima Barreto torna-se conhecido do editor novamente pelas sátiras, pelo folhetim de *Os Bruzundangas* e a história tragicômica do Major Quaresma, todos, novamente distantes do ideal de arte preconizado pelo escritor.

E assim, radiante com o convite, Lima Barreto não tardou em dar uma resposta ao futuro editor, além disso, enviou-lhe também o seu romance escrito há mais de uma década e até aquele momento, inédito. Tratava-se de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Lobato, provavelmente acreditava no peso do nome do escritor e por isso não tardou a publicá-lo, sem dar-se ao trabalho de lhe folhear as páginas, como se conclui da correspondência de 15 de Novembro de 1918: “*Recebi sua carta de nove do corrente e com ela os originais (Gonzaga de Sá), que não li, nem é preciso, visto como estão assinadas por Lima Barreto*”. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p 50)

E assim, da confiança no sucesso do romance do editor e das expectativas do escritor, no início de 1919, sai editado pela *Revista do Brasil, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. No período das revisões para a publicação do romance, Lobato leu o livro e continuava cheio de expectativas em relação ao romance. Em correspondência de 28/12/1918 confia ao escritor:

Meu caro Lima Barreto.

Recebi suas últimas provas, e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do teu livro. Que obra preciosa estas a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual como todas as suas mazelas de salão por cima e sapucaia por baixo. Paisagens e almas todas, esta tudo ali. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 55)

Nos meses seguintes à publicação, a correspondência entre editor e escritor aumenta consideravelmente. Ficaria Lima Barreto responsável pela projeção da *Revista do Brasil* nos jornais e livrarias do Rio de Janeiro, assim como Lobato ficou responsável pela propaganda de Gonzaga de Sá em São Paulo e no resto do país. Lima Barreto passou a escrever artigos vários sobre os livros de Monteiro Lobato e da *Revista do Brasil* para o *Semanário A. B. C*, *Rio-Jornal*, *Revista Contemporânea*, a *Notícia*, *Jornal do Brasil*, *Hoje*, *A Noite*, *O Imparcial* e o *Estado*, divulgando *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Negrinha* e o *Problema Vital*. Enquanto Monteiro Lobato valia-se do editorial da revista para divulgar o Gonzaga de Sá.

A parceria tinha tudo para dar certo e Lima Barreto obter a mesma aceitação que conseguira com seu Policarpo, contudo, nos meses que se passaram, os esforços publicitários de Monteiro Lobato parecem não ter surtido o efeito necessário. Menos de dois meses após a publicação do livro, em 05 de Março de 1919, relata Lobato em correspondência ao escritor:

Por aqui nenhum jornal inda tratou do seu livro, porque o carnaval tem absorvido todas as atividades. Mas sei que vai ter boa crítica. (...) Recebi o outro número da *Revista Contemporânea* e vi lá referencia à revista. Muito bem. Seja sempre amigo dela que ela muito o merece, porque é uma mocinha séria, honesta, Trabalhadeira, que não se aluga a governos nem engrossa os poderosos. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 61)

Em 16 de Março de 1919:

Os jornais daqui inda não falaram no Gonzaga. Esperemos. O melhor louvor que ouvi do teu livro saiu da boca Martim Francisco: “As dez da noite, impreterivelmente vou para a cama; deixo a visita, seja qual for, e largo o livro, seja o melhor. Mas ontem, ferrei o Lima, bateu as dez, as

onze, as doze, e abrindo uma escandalosa exceção só o larguei depois de findo”. Goze esta, lamba as unhas e até logo. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 63)

Três dias depois, relata novamente:

Tenho lido as primeiras críticas aparecidas e aqui vai as daqui. Começam a falar no livro, começam apenas. A revista a sair no dia vinte e cinco abre a bibliografia com ele – e insistiremos quero até dar um pedaço de capítulo. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 64)

A deduzir pela correspondência quase diária entre os dois nos primeiros meses logo após a publicação, notamos que Lobato moveu esforços para o sucesso do romance, não conseguindo o impacto que ambos esperavam. Durante o transcorrer do ano de 1919 inteiro, a acolhida não foi das melhores, até que, em 23 de Novembro de 1919 o empresário Lobato – e não o amigo – conclui: “*O teu livro sai pouco, sabes porque? O título! O título não é psicologicamente comercial. Um bom título é metade do negócio. Ao ler o título do teu romance toda a gente supõe que é a biografia de... um ilustre desconhecido*”. (LOBATO apud LIMA BARRETO, 1956, p. 71)

Em 24 de Abril de 1919, com então três romances publicados – sendo que o *Isaias Caminha* já na segunda edição e o *Policarpo Quaresma* esgotado – contribuindo ativamente na imprensa, com editor e propaganda rolando sobre o *Gonzaga de Sá*, é que Lima Barreto, pela segunda vez tentará o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, para a vaga do também boêmio Emílio de Menezes. Apesar da intensa propaganda de João Ribeiro – que chega a declarar que se dependesse dele, Lima Barreto entraria pelas suas mãos na academia – junto à imprensa, o escritor não recebeu mais do que três votos. Consegue, porém, menção honrosa da Academia pelo livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Tentando justificar sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, em artigo publicado na *Revista Careta* de 13 de Agosto de 1921, explica-se:

Se não disponho do Correio da Manhã ou de O Jornal para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as minhas armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura. Apesar de não ser menino, não estou disposto a sofrer injúrias nem a me deixar aniquilar pelas gritarias dos jornais. (LIMA BARRETO apud BARBOSA, 2002, p. 291)

Apesar do insucesso com o Gonzaga de Sá, os meses que seguem serão os mais férteis em suas colaborações na imprensa, principalmente os escritos políticos sobre as manifestações operárias, o movimento feminista, a Revolução Russa e a Primeira Guerra Mundial. Escrevia tudo com humor, sarcasmo, revolta e indignação.

Mas no que concerne às suas atividades políticas propriamente, jamais passou de um panfletário ou “simpatizante”, como ele mesmo dizia. Era um crítico observador que provavelmente deveria espantar a todos com sua franqueza e polêmica, mas jamais se filiou a algum agrupamento político, fosse anarquista, socialista, monarquista ou republicano. Seu engajamento reduziu-se às troças dos bastidores da política, à maneira lasciva e oblíqua como a via.

Foi com esse mesmo tom de sarcasmo e polêmica que o escritor acolhe, ainda em 1919, a nova moda esportiva do Rio de Janeiro: o futebol. Atuando conjuntamente com Mário de Miranda Valverde – médico e comissário de higiene municipal – Antônio Noronha Santos; Coelho Cavalcanti – jornalista e escritor e Lício Barbosa – funcionário público, Lima Barreto funda a *Liga contra o futebol*, para “combater uma aristocracia que se baseava na habilidade dos pés e contra o absurdo das autoridades ocuparem-se mais dos esportes do que das letras no Brasil”.

A liga teve sua repercussão, chegando Lima Barreto a dar entrevistas a jornais sobre o assunto (*Rio-Jornal* de 13/03/1919) e inspirando jovens estudantes, como Carlos Süssekind de Mendonça, que publica *O esporte está deseducando a mocidade brasileira – carta aberta a Lima Barreto* pela Empresa Brasil Editora, de 1921.

Contudo, apesar da produtividade notória como escritor, com um editor interessado em publicá-lo, da menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, a repercussão da Liga Contra o futebol e ser colaborador ativo na imprensa, Lima Barreto não abandonara definitivamente os seus hábitos de boêmio. Na noite de Natal de 1919, acometido de alucinações em decorrência do excesso de álcool, é novamente internado no Hospício.

Ficou cerca de um mês internado na seção Pinel do Hospital Pedro II. Ao sair, Lima Barreto já bastante debilitado pelo álcool, afasta-se dos Cafés, Confeitarias e dos botequins dos subúrbios. Tornara-se mais recluso, em seu quarto de dormir, com os livros,

correspondências e retratos. Passa então a inventariar sua biblioteca (listando cerca de 800 títulos) e organizar esboços de romances inacabados e colaborações em jornais e revistas.

De 1920 até 1922, o escritor consegue terminar cinco volumes com coletâneas de suas colaborações na imprensa: *Histórias e Sonhos* – único que chega a ver publicado pela Livraria Schettino, em dezembro de 1920, *Marginália, Feiras e Mafuás* – chega a rever as provas, *Bagatelas* e *Clara dos Anjos* – romance com editor acertado, Théó Filho e Pereira da Silva, da Editora Leite Ribeiro, que editavam a prestigiada revista *O Mundo Literário*.

Mesmo trabalhando muito e estando mais recluso, distante das bebedeiras e das farras boêmias, Lima Barreto continuava enfraquecido. Os amigos do período que foram entrevistados por Barbosa, relataram a aparência dele: envelhecera consideravelmente nos últimos tempos e para agravar de vez a situação do romancista, o pai demente tem freqüentes recaídas, seus delírios e alucinações são constantes.

Em 1921, conhece o médico Ranulfo Prata, grande admirador de seus romances que o convence a passar uns tempos numa pequena cidade do interior de São Paulo chamada Mirassol. Ranulfo não poupa esforços para levar o escritor para o retiro bucólico, chegando a financiar todas as despesas de viagem.

Em Mirassol, Lima Barreto é tido como grande romancista. Vende seus livros, encomenda títulos e títulos ao amigo e editor Francisco Schettino, continua a colaboração na imprensa carioca e chega a fundar uma pequena academia de letras. Sob os cautelosos cuidados de Ranulfo Prata, Lima Barreto em abstinência do álcool, o médico proíbe os pequenos bares da cidade de venderem bebida a seu convidado, pois estava em tratamento.

Os colegas em Mirassol convidam-no a proferir uma palestra sobre os Destinos da Literatura em São José do Rio Preto. Contudo, extremamente nervoso e ansioso pela sua primeira aparição como palestrante e homem de letras de destaque, acaba fugindo horas antes da palestra e é encontrado completamente bêbado, logo depois.

Retornando ao Rio de Janeiro, cada dia mais doente e sem conseguir livrar-se do vício da bebida, vai diminuindo suas colaborações nos jornais, já não freqüenta o centro da cidade, passa os dias reclusos em casa, triste, deprimido e embriagado. Vem a falecer no dia primeiro

de novembro de 1922, de colapso cardíaco. Dois dias depois, falece o seu pai.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo o percurso trilhado por Lima Barreto para conseguir primeiramente colaborar na imprensa – visto como uma das únicas maneiras “de quem não é filho de pai livreiro conseguir editor” – depois publicar seus romances e finalmente conseguir a acolhida e a recepção “gloriosa” de seus trabalhos podemos constatar que o escritor saiu-se mais ou menos vitorioso.

Pode não ter parecido muito editar três romances, dois folhetins, dois volumes de coletâneas sobre assuntos diversos, sem contar os três editores razoavelmente de destaque – Monteiro Lobato e Théo Filho e Pereira da Silva, da Revista *O mundo literário* – e a menção honrosa da Academia Brasileira de Letras pelo *Memórias de M. J. Gonzaga de Sá*. Assim como os adjetivos de “D. Quixote Nacional” e “sucessor de Machado de Assis”, com certeza preferisse comparações a clássicos tradicionais da literatura ou mesmo figurar como expoente de uma nova modalidade artística e literária, mas com certeza, soube adentrar no campo literário de seu tempo com um certo capital social considerável.

Outra ressalva a ser feita pelos dados de nossa pesquisa é que, no curso da história, o nome do escritor Lima Barreto acabou transformando em sinônimo de boêmio, escritor de folhetins, mulato pobre e suburbano com pouca sorte, que veio a falecer sem qualquer reconhecimento por sua obra, dados estes que a correspondência de Lima Barreto com escritores, intelectuais, editores e jornais desmentem tenazmente.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8º ed. Rio de Janeiro, José Olympio: 2002.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Obras completas*. (org.) Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss. São Paulo: Brasiliense, 1956. (17 volumes).

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Toda Crônica*. (org.) Beatriz Resende & Rachel Valença, Rio de Janeiro: Agir, 2004, V. 1 e 2.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. **In:** Pouillon, Jean et alii. *Problemas do estruturalismo*. (Tradução) Rosa Maria R. da Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1968.

_____. *As regras da Arte*. Tradução de Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BROCA, Brito. *Introdução ao estudo da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro e Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SANDRONI, Laura & TRAVANCAS, Isabel (org.). *Nova seleta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

VASCONCELLOS, Eliane. (org.) *Lima Barreto – prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.